

3ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

Carta a Orlando

*Clauder Arcanjo*⁶

El verdadero cementerio es la memoria.

Rodolfo Walsh

Soube da tua partida às duas da tarde, e fiquei, cá comigo, presa num breve gesto de dor durante algum tempo. No bilhete: "Obrigado. Adeus." Letra cursiva, neutra, caprichada.

Aturdida, quis gritar, mas nada me chegava aos lábios, acho que colados pela surpresa. Em seguida, quis levantar a mão (como fazia quando das aulas de matemática, onde os teoremas se alinhavam, confusos e indecifráveis, perante o meu olhar espantado), porém o braço direito foi vitimado por um tremor que o fez preso ao corpo.

Sei que seria inevitável a tua saída, mas, algumas vezes, contamos com a dádiva do improvável. Como se o destino fosse relegar e abandonar algumas falhas na curva do tempo. E eu, que há anos pensava que o tempo era amistoso companheiro e nos destinaria o infinito! Como fui boba!

Nem sei mais o que te escrever. Nunca fui de palavras, nem de gestos. Tu, Orlando, é que palavreavas em todos os momentos. Quantas e quantas vezes não me acudiste!? Quer escrevendo, quer falando em meu, ou nosso, nome. Hoje, no entanto, a notícia repentina e extrema calou-me de um modo tal que eu tive medo do meu silêncio. E seria silêncio a revelação deste fosso que se abriu perante mim? Não sei; suspeito que não. Certas coisas (ou certos momentos?) são inomináveis. Tu usaste tal palavra uma vez — inominável! —, e achei-a com uma linda sonoridade. Não recorri ao dicionário, pois certas definições (ou sinônimos) maculam a beleza hostil do desconhecido.

Sei que teus últimos dias não foram fáceis. Minha ausência, tua ausência, nossa passividade foram corroendo a nossa convivência; e,

6 Contista e jornalista. clauderarcujo@gmail.com

carentes, não nos demos conta de que, agindo assim, enterrávamos a nossa relação. Lenta e gradualmente fomos sacrificados vivos?

Sem sequer um benfazejo sorriso de despedida, o fim se aproximou. E, agora, minutos depois da notícia: nem palavra, nem pranto. Tão somente o que não consigo descrever, como se eu, em um pesadelo, adentrasse uma zona onde o verbo não se faz carne, onde ficamos mudos, surdos e quedos perante a impossibilidade, no limite de tudo.

— E por onde andarás agora?

Até esta usual e presumível indagação é lugar-comum que me irrita e não me acode. Como se soprada por estranhos lábios.

À noite, antes de me deitar, eu, acuada, sei que correrei os olhos pelos móveis da casa, sentirei a lufada da tua memória, e isto poderá, quem sabe, reacender a chama dos meus olhos. Por ora, a inclemente sensação do nada, da obscuridade; como se a vida se me dissolvesse sobre este assoalho de madeira de lei. Como tu sempre te orgulhavas de anunciar — madeira de lei! —, quando da construção desta casa.

Orlando, não voltes sem me trazer o crédito da tua voz e o carro das tuas lembranças. Se não os recobrares, se quiseses regressar com a armadura do teu silêncio, quero logo te avisar: prefiro o abismo da solidão.

Nosso lar — será que chegamos a formar um lar? — é pequeno demais para ser cemitério da memória de dois.

Sem mais, adeus.

Virgínia Lobo.